

**3º Lugar**

**Pseudônimo: TAREJA**

## **AMORCHXX**

**Terezinha Taborda Moreira**  
**FACULDADE DE LETRAS**

O novelo de lã escorregou-lhe pelas pernas e rolou para debaixo do sofá, em frente à cadeira. Olhou-o através dos óculos. E foi assaltada por uma sensação de desamparo.

Fora assim também na última vez. A única diferença era que ele não tinha mastigado direito a carne, ela se lembrava bem disso. Talvez porque detestasse vê-lo comendo sempre com a boca cheia e mastigando avidamente os alimentos, como se seu único prazer na vida fosse comer. Depois entrou no quarto, despiu-se e chamou-a. Ela queria tirar a mesa. Mas ele insistiu.

Ah!... Se pelo menos não houvesse a sensação de aborrecimento todas as vezes que tinha que limpar a casa. Varrer o pó do mundo: que maçada!...

Ele apertou-a com força contra o peito... Para espremer a gordura da carne ele a mordia. E deixava escorrer a gordura pelos lábios para depois lambê-los. Só não o fazia quando era carne de porco. Gostava dela.

O respeito mútuo e o amor são as chaves mestras para um casamento feliz. E se ela não estivesse pronta para jantar às 7, ele certamente iria querer um sanduíche com queijo e presunto, porque teria que esperar o banho que ela sempre tomava antes de ir para a mesa.

Um dia ele lhe trouxe um buquê de rosas vermelhas. Foi no dia do aniversário dela. Ele o colocou na jarra com água,

que pôs em cima da mesa. Na hora do jantar, apagou as luzes e acendeu algumas velas, abriu um vinho branco e preparou a mesa. Quando ela entrou na sala teve um sobressalto e deparou com ele parado na porta do quarto e com um sorriso misto de ansiedade e presente.

Gostava dele.

Mas a única coisa que a incomodava realmente eram os roncos dele. Deitava-se de barriga para cima, e era só começar a dormir que se ouviam aqueles sons guturais saírem de sua boca aberta, e invadirem o espaço, preenchendo o silêncio dos ouvidos dela. Dava-lhe uma sacudidela e chamava-lhe pelo nome. Ele respondia com um murmúrio rouco e virava-se para o lado, sonolento e despreocupado da figura ridícula que fazia quando dormia.

O fio de lã descia-lhe um caminho azul pelos joelhos. Era só percorrê-lo. Mas faltava luz. Porque o azul era maior que a claridade que entrava pela janela. Muito maior. E mais denso.

Estava numa festa — seria mesmo uma festa? — e um grande número de mulheres e homens transitavam a sua frente. Os trajes eram bonitos, vistosos, e o burburinho das vozes era geral. Alguns grupos de pessoas se reuniam pelos cantos do salão onde estavam e permaneciam por lá, conversando e bebendo e fumando. Outras pessoas andavam de grupo em grupo, conversando aqui e ali, ora com uns, ora com outros. Por isso ninguém notou sua presença quando chegou. Assim, pôde dar uma volta em torno da sala, observar bem as pessoas, até encontrar os conhecidos. Eles estavam perto da porta que dava para uma espécie de jardim. Sorriu contente por tê-los encontrado. E já ia aproximar-se quando, subitamente, percebeu que estava descalça. Não era possível! Como pudera esquecer-se? E agora? Impossível sair da festa. Impossível fugir dos amigos que lá lhe acenavam. Só lhe restava aproximar-se deles. E foi até eles, sorrindo. Eles também sorriram ao vê-la, e a receberam alegres. E, alegremente, riam e conversavam todos. Porém, a

incomodar-lhe, a falta dos sapatos, que a fazia corar pelo ridículo. Ao mesmo tempo, no entanto, uma sensação de leveza absoluta. Não sabia por quê, não conseguia sentir se estava ou não de meias, nem se havia depilado as pernas, nem se o chão era frio, nem se pisava sobre algo, quando pisava — se é que estava pisando. Só sabia que estava descalça. Mais nada. Entretanto, as pessoas pareciam não se dar conta do fato. Continuavam contando seus casos, como se nada de anormal estivesse acontecendo na frente delas. Pensou em procurar algo para calçar, e saiu andando pela casa — a festa era numa casa. Na cozinha, viu um par de chinelas havaianas com fundo branco e tiras azuis atrás da porta. Correu até elas. Seria esta sua única saída? Entristeceu-se. E uma dorzinha funda veio-lhe do coração e lhe deixou um nó na garganta.

Acordou procurando pelos sapatos. Perto da cama estavam suas chinelas de pano verde.

Precisava levantar-se.

Sentara-se no balcão do bar tentando escolher uma bebida. Por isso não soubera por quanto tempo ele a observara. Lembrava-se de que deparara com os olhos dele perguntando-a se aceitava uma bebida. Olhos de expectativa, de quem não obtém resposta nem na terceira vez que pergunta. Também olhou-o com expectativa. Queria dizer o que queria, porém, intimamente sabia que não era ela quem queria, porque sua vontade da bebida que queria não era livre: estava presa a uma relação que tinha com a bebida que desejava. Era uma relação entre ela e a bebida. De alguma forma, a bebida dizia alguma coisa dela mesma. Como, então, dizer o que queria sem dizer de si mesma?

Mas ele continuava a olhá-la, olhá-la, olhá-la...

Todas as vezes que iam sair juntos, passava horas do dia pensando na roupa que iria usar. E, quando se decidia, estendia a roupa sobre a cama até que chegasse a hora de aprontar-se.

Gostava de aparecer bonita para que ele a elogiasse. Verdade que ele não o fazia abertamente. Ele a observava. Observava-lhe

os movimentos, o jeito de olhar, de sorrir. Um observar atento e secreto, que a fazia sorrir mais, e olhar mais, e movimentar-se mais dentro dos olhos dele, pelo puro prazer de se sentir cobiçada.

Não fosse a antipatia que desde o início a ligara a ele, ela não teria gostado de ouvi-lo dizer que gostava dela. Porque ela tinha que vencê-lo, e vê-lo rendido à própria sensação de poder que despertava nela.

Tinha que ser assim...

Quis levantar-se. Precisava apanhar o novelo. Porém, levantar-se era algo demasiado complicado. Porque primeiro tinha que inclinar o corpo para a frente, depois escorar as mãos nos braços da cadeira, que lhe serviriam de apoio e, finalmente, aprumar o corpo e erguê-lo. Um processo para o qual não estava preparada. Pelo menos agora.

Se tivesse que levantar-se um minuto antes do novelo ter caído, ela não se depararia com o problema de ter que levantar-se da cadeira. Por isso a sensação de desamparo. Porque não tivera tempo para preparar-se. E uma nova sensação, desta vez de reconhecimento, invadiu-lhe a alma.

Olhou para o relógio na parede, única herança paterna com a qual se importava e que sempre a acompanhava, e percebeu que ele não era mais o mesmo. Seguia atento o caminho do tempo, surdo e mudo ao som das próprias queixas que fazia quando batia. Mas, queixava-se do que, afinal, se vivia desinteressado das fraquezas humanas, vivendo inutilmente a observar a inutilidade dos que lhe espreitavam seu próprio tempo?

Encostou a cabeça na cadeira para melhor observá-lo. Porém, conseguiu apenas experimentar novamente a sensação de reconhecimento que tivera antes de vê-lo: começara pelo final, e estava velha demais para essas coisas. Velha, e com as idéias embaralhadas por dentro.